

MUNÕZ, Yolanda G. G. Nietzsche. **Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?**. São Paulo: Paulus Editora, 2019. 211p.

### Gustavo Ruiz da Silva<sup>1</sup>

Publicado pela editora Paulus em 2019, o livro “*Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?*”, de Yolanda Gloria Gamboa Muñoz<sup>2</sup>, é resultado de duas pesquisas pós-doutorais na UNICAMP sob supervisão do professor Oswaldo Giacoia Junior<sup>3</sup>. Apresentando prefácio de Annie Hourcade Sciou<sup>4</sup> e posfácio de Chiara Piazzesi<sup>5</sup>, o ensaio tem por *nó gordio* a forma filosófica, isto é, como apresentar-se-ão os problemas relacionais lá trabalhados. O livro, então, é o ponto cruz de algumas pesquisas anteriores realizadas por Yolanda, como Foucault, Nietzsche e Paul Veyne. Entretanto, ela agora adiciona um novo reagente à sua alquimia, Isócrates.

De modo muito pouco convencional, sob a luz deste acadêmico grego, a autora desenvolve temáticas caras à filosofia contemporânea, mas ao mesmo tempo ao cenário antigo. Dada a originalidade do trabalho e o ineditismo dos estudos de Isócrates no Brasil, o ensaio se mostra como algo a ser desbravado a cada página – apesar do baixo rigor à moda tradicional, a precisão analítica da autora constantemente oferece resistência aos leitores, que recorrentemente precisam se referenciar a modelos teóricos franceses, alemães e gregos, já que na construção discursográfica do livro muito dos conceitos ficam obscuros em si mesmos.

Em certo sentido, assim, Yolanda Gloria se limita a seus trabalhos anteriores, já que o livro em questão é uma coletânea de trabalhos apresentados em congressos, colóquios e encontros nacionais e internacionais. Todavia, primeiramente, a discussão mesma é inovadora; e segundo, a forma pela qual ela é trazida, uma questão a ser

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Foi pesquisador bolsista PIBIC de Iniciação Científica, tendo-a terminado em seu período sanduíche na Sciences Po (QS Ranking #3 em Política e Estudos Internacionais, 2019). Em 2018, foi membro e monitor do “MackEleições”, Grupo de Estudos em Direito Eleitoral da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM); em 2019 ingressou no “Grupo de Pesquisa Michel Foucault PUC/CNPq” e no projeto de pesquisa “Imagem, imaginação e imagem de si”. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: ruizdasilva.gustavo@usp.br.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Também é autora de “Escolher a Montanha. Os curiosos percursos de Paul Veyne” (Humanitas, 2005) e “Nietzsche: a fábula ocidental e os cenários filosóficos” (Paulus, 2014).

<sup>3</sup> Professor Titular do Departamento de Filosofia da Unicamp.

<sup>4</sup> Departament de Philosophie, Université de Rouen, France.

<sup>5</sup> Departament de Sociologie, Université du Québec à Montréal, Canadá.

trabalhada. Por isso, com alto tom ensaístico, o livro de Muñoz não se constitui de modo exegetico, à maneira academicamente consagrada, como uma leitura estrutural das obras lá apresentadas. Tal como feito pelo bufão que compõe o título do livro, Yolanda inventa seus zaratustras: C e D. Conhecido por ser um filósofo da desconfiança, Nietzsche abre caminhos para que a autora referenciada construa estes dois personagens. Isto é, após cada um dos artigos lá trazidos, há uma discussão entre C e D, em que, como dito por Deleuze:

era preciso poder colocá-la ‘entre amigos’, como uma confiança ou uma confiança, ou então ante o inimigo, como um desafio, e de uma só vez alcançar essa hora, no lusco-fusco, em que se desconfia até mesmo do amigo (ACERVO ONLINE, 1990).

Isto porque, para se pôr presente no livro, ela cria um porta-voz e um amigo para ele – se Agostinho de Hipona cria Evódio, Nietzsche seu Zaratustra, e Platão seus diversos interlocutores, Yolanda cria o C e o D. Após a efetivação da noção de *Theatrum Philosophicum* em seu último livro, a autora continua com o gesto filosófico de modo mais refinado – como o filósofo não pode filosofar sem transformar a si mesmo no processo, logo, para diagramar seu pensamento, ele precisa de ajuda para não cair no afundado, caos das velocidades infinitas, ele precisa passar por si mesmo transvestindo-se em um heterônimo, um personagem conceitual. Como dito por Deleuze:

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os ‘heterônimos’ do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 78).

Mas quem são estes personagens de Yolanda? Ao que parece, C é a imagem da “própria” autora, e D alguém que vem questionar a qualidade de seu texto, capítulo/exposição previamente apresentada. Tal questão se expressa muito bem em algumas falas, como: “**C:** *Um pouco de confiança é necessária // D:* *Mas muita desconfiança também!*” (pp. 12-13), ou “**C:** *(...) talvez corresponda ao entusiasmo que, então, leva-me a somar e encontrar novas relações // D:* *Digamos de partida que é necessário desconfiar dessas relações tecidas pelo entusiasmo!*” (p. 34).

A hipótese<sup>6</sup>, então, é de que Confiado é aquele que confia em seu trabalho, e o Desconfiado é aquele que busca descontinuidades discursivas dentro da obra. Contudo, o que não esperava Desconfiado é a necessidade de fios emaranhados. Um nó é sempre um encontro, uma (con)fusão. Pode-se dizer que à primeira vista não é fácil dizer que pedaço de linha é qual no nó, tem-se que mexer um pouco no nó, deslizar uma ponta sobre a outra, afrouxá-lo para entendê-lo ou desatá-lo (coisa nem sempre fácil de fazer). Atar um nó pode ser muito proveitoso, pois alguns textos funcionam muito bem em simbiose, trocando subsídios, completando as rachaduras uns dos outros, reforçando passagens, ecoando argumentos. Criar nós é criar indistinções momentâneas que podem estrangular, mas também aproximar conexões entre coisas que funcionam melhor juntas.

Não é gratuito o uso de Michel Serres em ocasiões oportunas no ensaio de Muñoz – o tema do nó foi tratado no primeiro diálogo entre Confiado e Desconfiado como o anúncio de uma nova forma de ver seus interlocutores teóricos. Nas páginas 12 e 13 ficam claras as influências tecelãs de Yolanda, que inclusive as utiliza em sua dissertação de mestrado<sup>7</sup>, defendida em 1994. Desta forma, em seu novo livro, Y. Glória vai fazer uma série de comentários às obras de Veyne, Foucault, Isócrates e Nietzsche estabelecendo uma série de relações e possibilidades. Como dito pelo arqueólogo francês, o trabalho de comentar diferentes obras consiste em dizer o preexistente, entretanto, somente para que façamos o nunca feito.

O “*jogo do comentário, [...] consiste num reaparecimento palavra a palavra [...] de um discurso que renasce, absolutamente novo e inocente, em cada um dos seus pontos*” (Foucault, 2012, p. 5)<sup>8</sup>. Assim, seja lá como o comentário foi feito, ele não tem outra função se não dizer aquilo que estava silenciado, trazer à tona algo que lá já se encontrava – “*deve, num paradoxo [...] dizer pela primeira vez aquilo que já tinha sido dito entretanto, e repetir incansavelmente aquilo que, porém, nunca tinha sido dito*” (Ibidem). E este é o grande acontecimento de *Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?*: Muñoz dá luz a uma série de intersecções estabelecendo relações diversas

---

<sup>6</sup> Como já dito por Muñoz (cf. 2014, p. 90), “*se olharmos e escutarmos o Foucault [...] descobriremos que a hipótese [...] tem relação com o teatro de seu trabalho*”, o termo referido remete à noção estoica que opera como a temática em que o ator grego, simbolizando o sábio, recita o texto, mas de modo indiferente a seus acontecimentos. No seu sentido antigo, se referia ao enredo da trama, mas que de alguma forma era expressado “abaixo” de uma “opinião”, daí o temos *hipo-tese*.

<sup>7</sup> *Fios, teias e redes: o solo foucaultiano*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-SP, sob orientação da Profa. Dra. Salma Tannus Muchail.

<sup>8</sup> Referencia-se, aqui, às noções tidas como positivas à noção de comentário, não entrando no mérito das críticas foucaultianas, dado que tal movimento tomaria espaço aqui indisponível.

entre os discursos filosóficos que se referenciam na constelação da filosofia contemporânea.

Com a retomada de Isócrates por Foucault e Nietzsche; a de Foucault por Veyne; a de Nietzsche por Veyne e Foucault; e muitas outras apostas, Yolanda nos presenteia com um poderoso gesto perspectivista, ela mostra como é possível fazer uma filosofia de redes horizontais, uma filosofia do *Übermensch*, pois *Über-* está presente no transfronteiriço, ele é através, acima, suspenso, sobre, além e super: este livro *überschreitet/überquert* (atravessa, cruza horizontalmente, tal como uma rua) os autores aos quais se referencia. O mesmo de seu livro anterior vale para este, que, como dito por Guiomarino (2017, p. 130), a abordagem apresentada move-se convencionalmente, mas de um modo que não seria estranho e nem talvez desagradasse a Nietzsche.

Para findar esta resenha, resta reforçar alguns outros entrelaces que constituem esta malha filosófica, entre eles: a presença constante de uma potencialidade artística que, por exemplo, se expressa no conto *Mãos*<sup>9</sup> (p. 84-90); ou o teor fragmentário do ensaio, permitindo o leitor começar por qualquer capítulo – para este que vos escreve, o capítulo *Nietzsche, Foucault e Veyne: Pensadores Relacionais* deveria ser o primeiro, por ser aquele que melhor estabelece o processo metodológico da autora e a aplicabilidade do mesmo na análise dos referidos autores. Dado o supracitado, não pode-se deixar de notar o carácter caleidoscópico e anamorfótico – uma distorção de perspectiva que, embora tenha sua origem na Renascença, com Dürer e Holbeim, foi reapropriada pelos surrealistas, por Lacan na psicanálise e Lévi-Struss nos estudos dos mitos, consiste em deformar a imagem de tal maneira que ela se redirecione quando observada de determinado ponto. Como dito por Baltrusaitis (Cf. 1984), não se trata de uma deformação pura e simples, mas de uma aplicação particular e rigorosa das leis da perspectiva.

Este livro se encontra no *entre (in zwischen)*, num ponto de deformação entre as diversas produções discursográficas, atando e desatando nós, desbravando travessias pouco exploradas, suspenções perigosas, silêncios despercebidos e linhas de perigo. É exatamente por estas que se constitui como um verdadeiro exercício filosófico e de criatividade estilística (como indicado por Piazzesi), jogando entre os grandes com os mais diferentes estilos, para nos tirar de nossos hábitos mentais, rotinas argumentativas, conexões de pensamento e territórios filosóficos já muito bem mapeados. Por estas e outras, este ensaio se constitui como um falar franco que confronta os leitores, oferecendo

---

<sup>9</sup> *Manos*. Conto inédito, escrito sob o nome de Glória Gamboa em 1987.

caminhos que os podem levar ao *homem bem-logrado*, figura recorrente e catalizadora nos estudos de Muñoz.

### Referências bibliográficas

BALTRUSAITIS, Jurgis. *Anamorphoses les perspectives dépravées*. Flammarion, Paris, 1984.

BANCO DE DADOS FOLHA. “Gilles Deleuze se pergunta o que é a Filosofia”. Trad. Bernardo de Carvalho In: *Acervo Online*. Publicado na Folha de S.Paulo, sábado, 22 de setembro de 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GUIOMARINO, Hailton F. “Resenha do livro ‘Nietzsche. A fábula ocidental e os cenários filosóficos’”. *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 8, n. 1, p. 130-133, jan./jun. 2017.

MUNÓZ, Yolanda G. G. *Nietzsche. A fábula ocidental e os cenários filosóficos*. São Paulo: Paulus Editora, 2014.